

VILÉM FLUSSER Para uma fenomenologia da imigração.

HÁ uma curiosa lacuna na literatura que tem o fenómeno da imigração por assunto, a saber: pouco ou nada tem sido escrito sobre o que poderia de certa forma ser chamado "filosofia da imigração e imigração da filosofia". Em outras palavras: embora o fenómeno da imigração tenha sido exaustivamente analisado de numerosos ângulos, (especialmente nos países imigratórios), não me consta que tenha sido considerado suficientemente o ponto de vista do imigrante que filosofa, nem o ponto de vista da filosofia para a qual imigra o imigrante. Tal lacuna é curiosa, porque é exatamente o imigrante-filósofo quem deveria articular os aspectos mais fundamentais da imigração como situação humana. E no fundo o imigrante filósofo quem deveria fazer uma fenomenologia da imigração, e para fazê-la deveria tomar sua própria situação por ponto de partida. Não me consta que os grandes imigrantes filósofos, (Santayana, Wittgenstein, Carnap, etc., para citar apenas alguns nomes exemplares), nem os filósofos imigrantes ao Brasil, (van Rooker, Czerna etc.), tenham dedicado algum de seus trabalhos ao problema. A explicação deste fato curioso talvez seja a seguinte: o problema da imigração é de generalização extraordinariamente difícil. Há fatores específicos em toda situação imigratória, e são fatores de um tipo que desafia generalização significativa, (por exemplo o back-ground social, cultural, geográfico etc. do imigrante, conjugado com a especificidade do ambiente para o qual a imigração se dá e com o instante histórico no qual a imigração ocorre). De maneira que é quase obrigatório dizer-se que toda situação imigratória é única e incomparável a outras, que toda análise de tal situação não passa de auto-biografia, e que toda tentativa de generalização é desesperada. Destarte vai sendo abandonado o fenómeno da imigração à sociologia, economia, biologia, psicologia e outras disciplinas generalizantes e portanto des-existencializantes.

No entanto: o fenómeno imigratório é um aspecto importante da história em geral, e da atualidade em particular, e a história não pode ser compreendida sem considerá-lo. E, no dizer de Blondel, a história real é feita de vidas humanas, e a vida humana é a metafísica em ato. De forma que a auto-biografia não parece ser o pior dos pontos de partida possíveis para a análise de fenómenos históricos, desde que a auto-biografia vise generalização futura. Uma fenomenologia da imigração pode portanto partir da experiência específica do fenomenólogo, desde que este vise ampliá-la. É este o propósito do presente trabalho. Não, por certo, por querer estabelecer a própria situação imigratória como modelo da imigração tout court, mas por procurar sugerir que alguns aspectos específicos de tal situação poderiam ser ampliados para servirem de categorias para a captação e compreensão de situações comparáveis. Em outras palavras: o presente trabalho visa fornecer a um futuro fenomenólogo da imigração alguns dados para uma possível elaboração do tema.

VILÉM FLUSSER

Tendo tal finalidade em vista, será circunscrita a situação imigratória a ser analisada como situação do quem imigra ao Brasil da Europa Central em meados do presente século e se engaja filosoficamente na cultura brasileira. As categorias específicas de tal situação imigratória a ser analisada serão "Brasil" e "filosofia".

Que sejam primeiro propostas umas poucas definições para termos a serem usados neste trabalho. Que "imigrante" seja pessoa que procura integrar-se em contexto social diferente daquele dentro do qual se formou a sua personalidade. (O problema existencial do imigrante é pois intensificação do problema existencial geral: abrir-se para o outro afim de alterar-se). Que "Brasil" seja uma sociedade da segunda metade do século 20 na qual predominam os problemas económicos e sociais que caracterizam as sociedades de épocas imediatamente anteriores. (Portanto sociedade dita "subdesenvolvida"). E que "filosofia" seja uma disciplina pela qual o homem procura negar sua situação e a própria posição nela afim de alterar essa situação e posição, uma disciplina intelectual informada por tradição definida. (Implica portanto uma tentativa de superação da situação e de re-engajamento nela). Estas definições procuram apenas organizar o curso deste trabalho, e não visam validade fôra d'ele.

O ambiente brasileiro, do ponto de vista imigratório, é ambivalente. É preciso, para captar essa ambivalência, libertá-lo de preconceitos que encobrem sua realidade. Como seja os préconceitos "sociedade nova", ou "sociedade aberta", ou "sociedade americana, no sentido de constituída de imigrantes predominantemente europeus". Esses préconceitos encobrem a realidade, não por serem falsos, mas justamente por serem parcialmente corretos. Ao imigrante a sociedade brasileira se apresenta aproximadamente da seguinte forma: O primeiro contacto é com uma população urbana heterogênea e aparentemente amorfa, composta de imigrantes e seus descendentes, e de descendentes de uma população rural que constantemente se urbaniza. Essa massa urbana sobre a qual o imigrante incide não representa, a rigor, um outro ao qual o imigrante é chamado a assimilar-se, mas muito mais um líquido dentro do qual o imigrante mergulha. Há, é verdade, certos aspectos que dão a essa massa uma aparência de estrutura, (por exemplo: a língua portuguesa), e estes devem ser assimilados pelo imigrante. Mas não há uma personalidade especificamente brasileira que represente ao imigrante um desafio. Pelo contrário: na medida na qual este mergulhará na massa encontrará nela apenas várias ilhas de estruturas européias conhecidas suas, (inclusive a estrutura da qual ele próprio emigrou), em vários estágios de decomposição, desintegração e de aniquilamento.

Um segundo contacto revelará ao imigrante a base rural sobre a qual assenta a massa urbana. Trata-se, para o imigrante, de uma população exótica, de formas de vida arcaicas, que não representa nenhum desafio nem atrativo para assimilar-se a ela, e, em todo caso, seria provavelmente impone-

VILÉM FLUSSER

trável para ele. Se o imigrante vir a ouvir o chamamento da terra brasileira e trabalhar no campo, não será a camada rural brasileira o ambiente ao qual ele se assimilará, mas apenas o ambiente dentro do qual ele fará a sua adaptação à terra. Estará condenado a formar, a vida toda, um corpo estranho no contexto de tal sociedade.

Finalmente, em terceiro contacto descobrirá o imigrante o "verdadeiro brasileiro", uma estreita camada de pseudo-aristocratas, descendentes, em teoria, dos colonizadores primitivos, com personalidade cultural fortemente articulada, (variante da cultura portuguesa), e que vive em ambiente urbano no qual está, ela própria, atualmente desambientada. É esta a camada que até há pouco tempo, e em constante contacto com a população rural da qual representava a elite dominante, articulava a cultura brasileira. Mas agora está periclitando, ameaçada que está da dissolução na massa amorfa urbana, e por isto mesmo tendendo a exagerar artificialmente a sua personalidade. Trata-se de uma sociedade antiga, fechada, fortemente endógena, e, para o imigrante, de penetração difícil.

A ambivalência da sociedade brasileira para o imigrante reside no seguinte: de um lado é uma sociedade de facilíma penetração, já que não opõe ao imigrante muita barreira a ser vencida e muita estrutura a ser assimilada. Do outro lado é uma sociedade de difícilíma assimilação, pela mesma razão e também porque o núcleo da sociedade brasileira é um núcleo fechado. Em outras palavras: é muito fácil viver-se no Brasil como imigrante, e é muito difícil tornar-se brasileiro. A aparente aculturação do imigrante não reside, por isto, via de regra, em aquisição de novos traços, mas em diluição dos traços trazidos. Se há nivelamento do imigrante, este se dá, via de regra, para baixo. É este o fato que torna a experiência imigratória no Brasil experiência reveladora do fenómeno imigratório em sua essencialidade.

A assimilação é um processo dialéctico, no qual o assimilante recebe o impacto do ambiente, e o ambiente o impacto do assimilante. O resultado do processo é a modificação de ambos. Obviamente: quanto mais forte a personalidade do assimilante, tanto mais difícil e penosa a sua modificação, e quanto mais bem estruturado o ambiente, tanto mais superficial a modificação exercida nele pelo assimilante. E também: quanto mais flexível assimilante e ambiente, tanto mais provável que se estabeleça o feed-back. O processo assimilatório é pois dialéctico em dois sentidos: há contradição externa entre assimilante e ambiente, e contradição interna em ambos entre complexidade e flexibilidade. Em outras palavras: do ponto de vista do imigrante a complexidade, (tradição, préconceitos, grau de cultura etc.) dificulta a assimilação, e a flexibilidade (abertura, inteligência, curiosidade), a facilita. Do ponto de vista do ambiente a complexidade, (tradição, préconceitos, grau de cultura etc.), dificulta a modificação pelo imigrante, e a flexibilidade, (abertura, liberdade, universalidade), a facilita. Dada a relativa pouca complexidade e alta flexibilidade da sociedade brasileira, (excepção feita do seu núcleo), o processo assimilatório depende em alto grau do imigrante.

VILÉM FLUSSER

É isto o que torna a experiência imigratória no Brasil tão reveladora da essência do fenômeno imigratório em sua generalidade.

Uma consequência do exposto é que o processo assimilatório se dá em diversos níveis de intensidade. Em níveis de intensidade baixa, (isto é: em pouca complexidade e alta flexibilidade do imigrante), o processo é rápido, indolor, e a absorção do imigrante pelo ambiente é total, sem deixar rastro no ambiente. É o caso da grande maioria dos imigrantes que incidem sobre o ambiente brasileiro. Em níveis de alta intensidade, (isto é: em grande complexidade e alta flexibilidade do imigrante), o processo é longo, penoso, e se for alcançado êxito, isto é se o imigrante for absorvido, deixará o ambiente marcado. É o caso daquela pequena elite imigratória que está contribuindo fortemente para que a sociedade brasileira adquira caráter. Não será considerado o caso de imigrantes inassimiláveis por sua excessiva rigidez, sejam eles de complexidade baixa ou alta, embora estes também deixem marcas na sociedade. O que importa para a finalidade deste trabalho é a constatação do seguinte paradoxo aparentemente em ambiente brasileiro imigrantes de baixo nível cultural e alta inteligência são ~~absorvidos~~ ^{dissolvidos} rapidamente sem deixar marca na cultura brasileira. Imigrantes de grande cultura e alta inteligência são assimilados dificilmente, e mudam a cultura brasileira quando assimilados. Imigrantes de pouca inteligência são inassimiláveis ao Brasil, sejam de cultura simples ou complexa. E isto significa: imigrantes que filosofam são, pelo menos supostamente, de complexidade cultural relativamente alta. A sua assimilação pelo ambiente brasileiro será certamente difícil, e dependerá quase exclusivamente da flexibilidade e inteligência do imigrante. Mas se a assimilação for conseguida, o imigrante terá marcado o ambiente pela sua personalidade. E não é isto a tarefa da vida?

Isto é aparentemente paradoxo, porque se assimilabilidade e inteligência são diretamente proporcionados, não deveria ser tão difícil à elite assimilar-se ao ambiente brasileiro. E, com efeito, uma comparação com o ambiente norte-americano, (imigratório por excelência), parece confirmar que se trata de paradoxo. Nos Estados Unidos um alto nível cultural não dificulta a assimilação, pelo contrário, parece facilitá-la. Vale a pena demorar um instante na comparação para iluminar o problema: O imigrante americano não incide sobre uma massa urbana amorfa, mas sobre uma população urbana estratificada pela sua origem étnica em hierarquia que corresponde vagamente à data da primeira chegada dos seus representantes aos Estados Unidos. Estes grupos, embora constituam a sociedade americana, a estruturam e nela se engajam, continuam ligados mais ou menos intimamente aos países de sua origem. Com efeito: tal ligação faz parte da sua americanidade, já que ser americano é ser modelo ou alternativa para a Europa. O imigrante encontra pois quase que automaticamente o grupo ao qual pertence por sua origem étnica, e nele se integra. Se tiver suficiente energia e inteligência será rapidamente assimilado, e é graças a este tipo de estrutura que os Estados Unidos exercem a força assimilatória impar que exercem. Com efeito, a assimilação se dá muito

VILÉM FLUSSER

mais por ação atraente e enquadradora do ambiente que por ação do imigrante. Mas por cima de todos esses grupos existe uma elite quase inteiramente aberta e cosmopolita, cuja americanidade reside exatamente nessa abertura e nesse cosmopolitanismo, e que acolhe avidamente todo imigrante de nível cultural comparável. De maneira que o imigrante de alto nível cultural é assimilado ainda mais rapidamente que o imigrante de baixo nível. Nos Estados Unidos a rapidez da assimilação é medida não apenas da inteligência mas também da cultura do imigrante.

Em outras palavras: o imigrante americano incide sobre uma sociedade urbana ricamente estruturada, a qual, embora fechada hierarquicamente, está aberta em suas respectivas repartições para todo tipo de imigrante, e sobre uma elite cultural extremamente aberta. (O substrato camponês está desaparecendo). O imigrante brasileiro incide sobre uma sociedade urbana aberta e desestruturada, na qual se dilui em vez de assimilar-se, ou sobre um substrato camponês impenetrável e indesejável, ou sobre uma elite fechada. Por isto, se for de nível cultural baixo, será rapidamente diluído na sociedade urbana e absorvido no aparelho impessoal da cidade brasileira. E se for de nível cultural alto terá que desafiar a elite fechada, ou terá que modelar para si um lugar apropriado na sociedade, alterando para tanto a própria sociedade. Por isto mesmo, um imigrante de alto nível cultural que se assimila aos Estados Unidos pode enriquecer a sociedade americana sem modificá-la. Mas um imigrante de alto nível cultural que se assimila ao Brasil modificará a cultura brasileira, se conseguir autenticamente assimilar-se.

Pois um imigrante que filosofa e que procura assimilar-se ao Brasil é um exemplo excelente para o engajamento contraditório que é a assimilação como fenômeno da existência humana. Defini "filosofia" para as finalidades deste trabalho como negação disciplinada da situação afim de alterá-la. E disse agora que o imigrante brasileiro, se for de nível cultural alto, (por exemplo: se filósofo), deverá alterar a situação afim de nela poder assimilar-se. Há, portanto, uma ligação entre filosofia e assimilação, óbvia para quem estiver engajado em ambas. (Embora talvez não seja tão óbvia para quem estiver engajado apenas em uma das duas). Demorarei um instante na consideração disto. Quando afirmei ser a filosofia uma negação da situação, não pretendi denotar com o termo "situação" apenas a sociedade determinada e determinante na qual qual me encontro. Usei o termo em sentido muito amplo, aproximadamente como sinônimo de "mundo que me cerca". Se filósofo, não procuro orientar-me e agir apenas na sociedade, ou nesta ou naquela sociedade, mas mas na totalidade dos problemas que me cercam. E para poder fazê-lo preciso alcançar uma transcendência, um détachement, uma ironia, (ou qualquer que seja o termo apropriado), apartir de onde possa me orientar e agir afim de modificar as coisas. Portanto uma distância perante o mundo caracteriza a meu ver toda filosofia. Mas o mundo inclui a sociedade que me determina e que procura alterar, e a filosofia inclui a distância perante tal sociedade que precede o engajamento nela. A filosofia é, em outras palavras, um distanciamento prévio a todo engajamento.

VILÉM FLUSSER

jamento digno desse nome, inclusive engajamento em determinada sociedade. (Embora nem toda filosofia resulte necessariamente em engajamento. Pode, perfeitamente, resultar em crescente distanciamento.) Pois o imigrante se acha em situação distanciada e pré-engajada com relação à sociedade para a qual pretende assimilar-se. Se for imigrante que filósofo acha-se ele como que automaticamente em situação filosófica com relação a tal sociedade. A sua tentativa de assimilar-se será parte da sua filosofia.

Tal ponto de partida perante a sociedade brasileira distingue o filósofo imigrante radicalmente do nato. O nato está lançado na situação brasileira, por ela formado e informado, e requer uma energia toda especial, (a filosófica), para romper os fios que o prendem à situação e distanciar-se dela, afim de poder orientar-se nela. O imigrante escolheu até certo ponto livremente a situação brasileira, (embora os termos "escolha" e "liberdade" sejam problemáticos especialmente neste contexto), para nela se engajar, e está por essa própria escolha em situação distanciada. Por ter originado na situação será qualquer engajamento do brasileiro nato mais imediato, e por ter sido escolhido será qualquer engajamento do imigrante mais livre. Mas não resta dúvida que um diálogo entre ambos será enriquecimento de ambos: o nato fornecerá ao imigrante a intimidade que este carece, e o imigrante ao nato a visão distanciada tão de difícil alcance.

No entanto a contradição inerente na assimilação, (assimilo-me e assimilo a mim), distingue o engajamento do imigrante do engajamento do nato em mais outro aspecto: o nato procurará alterar a situação da qual se distanciou filosoficamente recorrendo a modelos teóricos, e o imigrante procurará alterar a situação sobre a qual está incidindo recorrendo a modelos da sua própria experiência passada. Em outras palavras: o nato tem maior vivência da realidade brasileira, e o imigrante maior vivência dos modelos para alterar a situação brasileira. Porque o nato procura alterar a situação para aproximá-la de um ideal, e o imigrante para aproximá-la de si mesmo. De forma que a comunicação dialógica entre nato e imigrante fornecerá ao nato a vivência do ideal, e ao imigrante a idealidade da vivência passada. E isto ilumina a situação diferente na qual nato e imigrante se encontram com relação a Europa.

Não resta dúvida que o Brasil é "americano" no sentido de "ser para a Europa". Mas esse "ser para" brasileiro é diferente do norte-americano. Os Estados Unidos se assumem ou alternativa ou modelo para a Europa, em outras palavras: o estadunidense é americano por ser europeu. No Brasil o processo de assumir se ainda não está encerrado, e o brasileiro ainda está lutando para descobrir seu ser, inclusive seu "ser para". Esta imprecisão resulta em várias ideologias nebulosas, fortemente românticas, com várias espécies de nacionalismos e ufanismos, que encobrem a realidade a ser descoberta. Mas uma coisa é clara: o brasileiro não quer ser modelo da Europa, (como o norte-americano), mas a Europa é modelo do brasileiro, (embora um modelo por vezes recusado). Em outras palavras: o brasileiro é brasileiro por ter deixado de ser europeu.

VILÉM FLUSSER.

O ser do brasileiro é por enquanto em grande parte um não-ser. Pois para o filósofo nato no Brasil a Europa é o lugar de todos os modelos. E a sua filosofia será ou adesão a um daqueles modelos, ou combinação eclética de vários modelos europeus, ou tentativa de manipular tais modelos para adaptá-los à realidade brasileira. Com efeito, nestas poucas palavras se resume a história da filosofia brasileira. (A recente tendência orientalizante, aparente abandono da Europa, é, ela também, cópia de modelos europeus.) Mas para o filósofo imigrado da Europa essa Europa abandonada por ele é o lugar no qual todos os modelos falharam. Foi em parte por isto que ele abandonou a Europa. A sua filosofia será a tentativa de orientar-se no caos dos modelos em ruína. É verdade que tal qual o brasileiro nato ele sómente conhecerá modelos europeus. Será "brasileiro" neste sentido: para modelos europeus. Mas ao contrário do nato esses modelos serão para ele não algo a ser seguido ou modificado, mas algo a ser evitado. É neste sentido curioso que a dialética da imigração se torna patente: o imigrante é para o Brasil um mensageiro de modelos europeus, mas um mensageiro negativo. Em outras palavras: imigrante e embaixador são opostos. Ou ainda em outras palavras: o brasileiro nato volta o rosto para a Europa, tendo as costas mais ou menos protegidas pela situação brasileira. E o imigrante volta as costas para a Europa, tendo no rosto a esperança mais ou menos utópica da situação brasileira. Dialécticamente portanto pode dizer-se que a imigração de filósofos europeus pode mais dia menos dia provocar uma filosofia brasileira emancipada da Europa. E pode, neste sentido, contribuir para a descoberta do "ser brasileiro". E com esta afirmativa este trabalho está alcançando a sua meta: abrir um dos caminhos possíveis para a elaboração da essência da imigração como fenômeno da existência humana. O imigrante é essencialmente um provocador da auto-descoberta no outro. É por isto a situação da imigração é uma situação de limite, ("Grenzsituation"): um ser extremado para o outro. Isto porque para poder assimilar-se ao outro, o imigrante precisa descobrir o outro. E para poder descobri-lo, precisa provocá-lo. E para provocá-lo, precisa assimilá-lo a si mesmo. E o que acabo de dizer é uma generalização da situação específica do imigrante brasileiro que filosofa.

A imigração é uma situação de limite. (como o são, por exemplo, o amor, a doença e a morte). Em certo sentido todo homem é imigrante, (como é amante, doente e para a morte). Já tem sido dito que a geração anterior à segunda guerra é imigrante num mundo ao qual apenas os nascidos depois da guerra são os nativos. E, num sentido mais radical e mais lato, somos todos imigrantes num mundo dentro do qual fomos jogados e ao qual procuramos desesperadamente assimilar-nos com grau de êxito variável. De forma que a imigração no sentido restrito do termo serve de exemplo para uma condição geral humana. Um exemplo que exemplifica, no dizer de Blondel citado, ser a vida humana meta física em ato. É a partir de tal enfoque existencial, creio, que uma futura fenomenologia da imigração deverá ser ensaiada.